

Este poeta brasileiro não é já desconhecido do público português. As características mais permanentes da poesia de Ribeiro Couto são o desprendimento formal, o tom discreto e simples com que a poesia íntima flue através dos seus versos. Nêles achamos, por vezes, uma tal liberdade de expressão que chega até a tocar as fronteiras da prosa. Mas os limites do poético esbatem-se para o autor não apenas nas palavras como também nas coisas. E apesar disso Ribeiro Couto nunca deixa de ser poeta, nem mesmo quando escreve em prosa. O seu espírito põe poesia em tudo o que descreve, não porque recorra a efeitos de frases rebuscadas, criadoras de evocações estéticas vastas de realidade, mas antes porque,

CANCIONEIRO DE D. AFONSO

Poema de Ribeiro Couto
-1940

frente a êle, os mais diversos aspectos das paisagens reais ou espirituais assumem como que uma riqueza de revelação emotiva; mas duma revelação concentrada no essencial a que repugnam quaisquer dissertações ou berros e em que as palavras surgem apenas em tom de confiança, na medida do indispensável para invocarem quadros ou sentimentos.

No «Cancioneiro de Dom

Afonso» é mesmo no tom confidencial—monólogos e diálogos com um companheiro de doença—ou no discretamente evocativo de algumas poesias que mais real sentimos a presença do poeta. O poema divide-se em três partes. Logo a primeira não deixa de lembrar muito de perto António Nobre—o Nobre da «Carta a Manuel» e outros versos. O poeta está fazendo uma cura num sanatório em companhia de Afonso. As horas vão-se passando em cogitações interiores, entre a esperança da cura que há de vir, o sentimento da vida posta de lado mas a que anseia regressar-se. Dum lado a paisagem «calma e branca» da Suíça em que «Dá vontade de ser pastor nas

(Continua na página seguinte)

Editorial «Inquérito» tem vindo a fazer uma obra de divulgação de que a simples persistência é já um indice de sucesso, uma prova prática de que o homem médio, a que se dirige tem mais interesses culturais, maior curiosidade mental, maior inquietação de espirito do que o intelectual pesporrente que desdenha da cultura popular como duma pretensão grosseira e ridícula da plebe.

Contudo, êsse mesmo interesse do homem médio pelas iniciativas desta indole, tem o valor duma crítica ao modo como se faz a escolha dos «Cadernos culturais». Se o sucesso destes revela uma inquietação ideológica do público, a essa inquietação tem-se correspondido, não com estudos vivos, respostas aos problemas fundamentais da nossa época, mas com amostras demasiado «arqueológicas» da história da cultura.

Assim acontece com a «Introdução ao Estudo da Filosofia» que António Sérgio traduziu de McTaggart e prefaciou. É um livro que responde à ânsia de cultura com a defeza da inutilidade da Filosofia, um livro portanto que se dirige àqueles que olham o saber como um ornamento erudito, como um luxo, e não como um dos mais potentes meios ao alcance dos homens para fazerem o seu futuro. O próprio autor nos diz (cap. I-7) que não cre «que as ideias dum homem sobre as questões práticas sejam muito afectadas pelas ideias que êle tenha sobre os problemas metafísicos».

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA FILOSOFIA

de Mc Taggart

Isto sôa como uma advertência: se queres pensar filosoficamente, não penses, como membro do quarto estado, pensa como «filósofo»; a «utilidade da Metafísica» deve antes ser achada no conforto que nos pode dar» (cap. 8); procura portanto, para seres bom aprendiz de filosofia, o conforto interior, espiritual, e deixa à canalha as suas preocupações com o mínimo conforto material... Isto não deixa de ser, como o leitor vê, uma nova utilidade da filosofia de McTaggart, a qual consiste em se pôr de guarda ao conforto, bem concreto, de quem lhe pagava para oferecer aos outros um conforto metafísico.

É óbvio que um livro como êste não podia deixar de apresentar os «trucs», já gastos, do pensamento idealista. O materialismo, por exemplo, é apresentado como uma doutrina «deprimente» (termo talvez demasiado «crítico» para classificar uma doutrina filosófica...) e o autor vem dizer-nos, com uma candura verdadeiramente notável, que a «atitude mais espontânea» é o Dualismo; que «se levarmos um pou-

co mais fundo o nosso pensar» encontraremos como mais natural a atitude materialista; que «porém, se seguirmos mais adiante» poderemos chegar ao idealismo. Portanto, isto de materialismo ou idealismo não seria afinal senão uma questão de pensar menos ou de pensar mais. Materialistas são pois aquelas pessoas que ainda não pensaram suficientemente os problemas; Idealistas são aqueles que os pensaram até ao fim, que não se enganaram com as aparências, que não são «trouxas».

Acrescentando a isto uma concepção simplista e «primária» de Ciência, um retóricismo já envelhecido quasi de meo-século teremos o ambiente do livro que o Sr. António Sérgio recomenda à juventude.

A velha história de que a Ciência não critica os seus fundamentos, de que procedê incriticamente, parece-nos mesmo mais de lamentar que de combater. Todo o trabalho teórico, crítico, desenrolado em volta das hipóteses e das teorias científicas, que é? que representa? Pobres filósofos...

Outro dos pontos característicos do livrinho de McTaggart é a velhíssima distinção entre «natureza última da Realidade» que a filosofia estuda e «aquilo que está—comparativamente—à superfície» que é o que a Ciência estuda. Esta distinção teológica, por sua vez, já nem lamentações merece. Tão vazia de sentido, tão contrária aos resultados duma comparação entre os problemas da física-química actual,

(Continua na página vinte e dois)

—Foi publicado pela livraria «Cape», de Londres, um livro de Maurice Rowntree, «Mankind Set Free», em que o autor faz uma exposição e a defeza da doutrina Quaker, incluindo a atitude perante a guerra dos «Quakers». (10 S e 6 D)

—H. Gordon Garbedian é o autor de «Albert Einstein», uma biografia do grande sábio, escrita especialmente para o público em geral. O autor explica o trabalho científico de Einstein e descreve a sua «luta contra a pobreza, o preconceito e o nazismo». (Cassell and C.º, 12 S e 6 D)

—O novo trabalho de Harold Laski intitula-se «The danger of being a gentleman». Como se sabe, Laski é o autor de estudos importantes como: «Liberty in the modern State», «A Grammar of Politics», «The State in Theory and Practice», e vários outros. (Allen and Unwin, 7 S e 6 D)

—Salu mais um tomo—o XVIII—da «Enciclopédia francesa», consagrado à «Civilisation écrite»; é dirigido por Julien Cain, administrador geral da Biblioteca Nacional de França. Este volume, claro, ilustrado com belas imagens demonstrativas, comporta tábuas analíticas e indices em grande número. Trata sucessivamente das profissões e das artes gráficas; da imprensa—livros, revistas e jornais—e, finalmente, das bibliotecas.

—Apareceu o n.º 3 da revista «La Pensée», com um atraso, naturalmente provocado pela guerra. Um dos seus directores—Georges Cogniot—e o secretário de redacção—André Parreaux—estão em serviço no exército, de forma que êste número foi organizado pelo outro director—Paul Langevin e pelo secretário interno—D. Decourdemanche. O sumário dêste número—que se apresenta só com 64 páginas—compreende: uma carta de Descartes; um artigo sobre psicologia de H. Wallon; «La fin de la psychanalyse», por Th. W. Morris; uma crónica do grande matemático Jacques Hadamard e crítica de livros.

—Foi há tempos publicado pela livraria Bodley Head, um livro de Christopher Caudwell intitulado «Studies in a dying culture». O autor—que morreu a combater em Espanha—analisa as obras de alguns intelectuais burgueses, como Shaw, Wells, T. E. Lawrence, D. H. Lawrence, Freud, afirmando que, a pesar de eminentes, não enriqueceram com qualquer contribuição vital o pensamento da nossa era pois que, «cada qual a seu modo, estava obcecado pela falsa tese de que, no fundo, o espirito individual é uma entidade independente, contrariada pela sociedade». (Prêço—10 S. 6 D.)

—Algumas das últimas publicações da excelente livraria Gollancz, de Londres: «Gestapo Frial», de Jan Peterson—7 S. 6 D. «When Freedom Schricked», de R. Reynolds—10 S. 6 D. «The Socialist Swath of the World», de Hewlett Johnson 7 S. 6 D.

—Norman Angell, Prémio Nobel da Paz e um dos directores da bela revista «Clarté» que se publicava em França, autor de «The Great Illusion», publicou agora um livro intitulado «For what do we fight?». A edição é de Hamish Hamilton, e custa 6 S.

—Pela «Cambridge University Press» foi editado o último estudo de A. Eddington, sobre «The Philosophy of Physical Science». (Prêço—8/6)